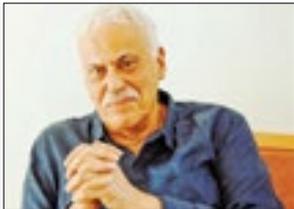


Danilo Caymmi  
lança novo disco  
no Blue Note Rio

PÁGINA 4



O carnaval na  
Bahia sempre  
começa mais cedo

PÁGINA 5



Guioza, o irresistível  
pastel chinês,  
está em alta

PÁGINA 15



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

# Sessentou!

Ana Lefaux/Divulgação

Chico César completa 60 anos com show especial no Circo Voador nesta sexta-feira

Por Affonso Nunes

**U**m dos nomes mais expressivos da música brasileira, Chico César completa nesta sexta-feira (26) 60 anos com show especial no Circo Voador, com abertura dos paraibanos Seu Pereira e Coletivo 401. Depois de concluir 2023, lançando o vinil de seu primeiro álbum, "Aos Vivos" (1994), Chico olha para o futuro refletindo sobre seu passado e o show de aniversário está nesse contexto.

"O show de 'Vestido de Amor' (seu álbum mais recente) já é bastante temperado com coisas de outros momentos da carreira, inevitavelmente. Tem música instrumental, uma canção de quando eu tinha 19 anos, morando em João Pessoa, e outras que me influenciaram como 'Agalopado', de Alceu Valença; 'Admirável Gado Novo', de Zé Ramalho; e 'Sobradinho', de Sá e Guarabyra. É uma estética do 'Vestido de Amor',

mas que mira a carreira toda", avisa.

Carreira essa alimentada por talento, autenticidade e comprometimento com sua arte. Nascido em Catolé do Rocha (PB), Chico possui uma trajetória marcada pela sua voz única, uma poética global e sua postura engajada. Musicalmente, misturou samba, forró, reggae, frevo e toada, emplacou uma série de sucessos, fez grandes parcerias com grandes artistas (Maria Bethânia, Zeca Baleiro, Geraldo Azevedo e Salif Keita, só pra citar alguns), ganhou prêmios, se apresentou dentro e fora do país e acima de tudo, prova a cada dia que artista bom é artista que se posiciona e continua exigindo respeito, não apenas aos seus cabelos, mas a toda sua trajetória.

Desde muito cedo, Chico mostrou interesse pela música. Aos 12 anos, começou a estudar violão e a compor suas primeiras canções. Ao longo dos anos, desenvolveu um estilo musical que carrega influências da cultura nordestina, do folk e da MPB, criando uma sonoridade única.

Continua na página seguinte



## CORREIO CULTURAL

Um ano com novos  
discos e turnês

Divulgação

Aulas nos núcleos de aprendizado da ASMB

## ASMB oferece vagas para aulas de musicalização e instrumentos

A Ação Social pela Música do Brasil (ASMB) está com inscrições abertas para crianças e jovens, entre 6 e 18 anos, residentes no Rio e em Petrópolis, devidamente matriculados em escolas, para conhecer a música clássica e se aventurar em aulas gratuitas de musicalização e instrumentos. Há vagas nos núcleos de

aprendizado localizados em Rio das Pedras, Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Morro dos Macacos, Mangueiros, Tijuca e Petrópolis. Na seleção, são considerados critérios socioeconômicos e de diversidade, pois o projeto prioriza atender jovens e crianças de comunidades e em situação de vulnerabilidade social.

### CarnaRock

A Praça Mauá recebe sábado e domingo o Rock 80 Festival edição CarnaRock, apresentando 10 bandas, gastronomia variada, espaço kids e muita diversão. A atração é gratuita, mas o público pode ser estimulado a doar alimentos não perecíveis.

### Arte com cerveja

Tradicional reduto dos fãs de cerveja artesanal, o bar Hocus Pocus DNA, em Botafogo, lança o projeto Curadoria que conta com exposições de artistas. É uma forma dos clientes terem contato com a arte em locais não tradicionais.

### Cabelo bonito

O educador Pevirguladez lança o livro "O Meu Cabelo É Bem Bonito" (Ed. Escrita Fina), uma celebração da diversidade, do amor-próprio e da liberdade com ilustrações de Ricardo Sacih. A obra estimula as crianças a abraçarem suas identidades únicas.

### De Santa à Lapa

A turma do bloco Céu na Terra desce Santa Teresa para fazer o último ensaio aberto na Fundação Progresso neste domingo (28). Um dos mais tradicionais e esperados eventos do pré-carnaval de rua carioca começa cedo, às 11h.

**O** 2024 de Chico César será um ano de novos álbuns, com músicas inéditas e de parcerias internacionais. Entre fevereiro e março está previsto o aguardado lançamento de um álbum e de uma turnê com o maranhense Zeca Baleiro que deve passar por todo o país.

"Com Zeca Baleiro vai ser uma coisa mais com banda, como é o disco mesmo, só de composições inéditas", antecipa o paraibano. A turnê começa em 8 de março em Curitiba e deve dividir a agenda de Chico com outra parceria que ele vem realizando com sucesso junto ao pernambucano Geraldo Azevedo, com o show "Violivoz", que também virou álbum ao vivo.

O tamanho da repercussão amplamente positiva deste show chegou a surpreender Chico. "Com os nossos violões estamos fazendo coisas em ambientes bem surpreendentes. A gente tem feito festivais de rock, coisas grandes mesmo. No começo eu pensava que seria um show para teatros com 400 lugares, no máximo. Quando queriam botar a gente em 800 lugares, eu já falava: 'Não, vamos para um lugar menor, aí não funciona'. Mas esse encontro com o Geraldo Azevedo funciona muito", admite o paraibano.

E os projetos não param por aí. Em breve, deve ser lançado ainda um disco com o duo hermano Rojo Barceló: a cantora e compositora Maria Barceló e o pianista e baterista Esteban Blanca. Trata-se de uma dupla argentina de quem Chico César se aproximou bastante durante o período da pandemia em que passou quatro meses no Uruguai, isolado pela Covid.

"Eles não podiam voltar para o país deles e eu acabei ficando



Marcos Hermes/Divulgação

Sucesso em palcos menores e até mesmo em grandes festivais, o show de Chico César e Geraldo Azevedo com seus violões segue na agenda do paraibano neste ano que se inicia

Vange Milliet/Divulgação



O disco de Chico César com Zeca Baleiro deve ser lançado até março

no Uruguai também aquele tempo", remonta ele, que deve retomar também sua turnê internacional em 2024.

Esse será um período intenso de trabalho e de parcerias, coisas que estavam represadas ainda pelos tempos de crise sanitária global. "As pessoas saíram da pandemia querendo arte, querendo música, isso é muito bom. Não podemos reclamar. Acho que todos estamos um pouco ávidos ao reencontro com o público, o público com o seu reencontro com os artistas, com os espaços de cultura. Nesse ano de 2024 também vamos ter bastante tra-

balho", conclui César.

Os portões do Circo Voador se abrem às 20h com a exibição de "Sob o Céu de Zabé" de Márcia Paraíso. Apresentado pelo Canal Curta!, o documentário conta a história da tocadora de pífano Zabé da Loca, a gente de seu lugar, seus amigos, sua terra e seu ritmo.

### SERVIÇO

CHICO CÉSAR 60  
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
26/1, a partir das 20h  
Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 180

# Uma noite para lembrar Leny Andrade

Gilson Peranzetta recebe amigos para celebrar o repertório da grande diva do jazz brasileiro

O maestro e pianista Gilson Peranzetta vai homenagear a diva Leny Andrade nesta sexta-feira (26) no palco do Teatro Rival Petrobras, dia em que a inesquecível cantora faria aniversário. O palco do Rival era um dos locais preferidos de Leny.

Diretor e arranjador de cantora por vários anos, Peranzetta idealizou o espetáculo "Leny Presente",

em que vai apresentar os arranjos que fez para a artista, interpretados por cantores e cantoras que sempre fizeram parte da vida musical e afetiva da velha amiga, que nos deixou em julho do ano passado.

Áurea Martins, Cris Delanno, Jane Duboc, Sanny Alves, João Senise, João Maia, Maurício Einhorn e Mauro Senise são os convidados que vão mostrar canções



Gilson Peranzetta e Leny Andrade durante gravação de especial para a TV Brasil

que ficaram marcadas na voz de Leny, como "Estamos Ai", "Saigon", "Dindi", "Alvorada", "Acontece" e "O sol Nascerá".

Lenny Andrade é considerada uma das grandes cantoras brasileiras de todos os tempos. Com expressiva carreira nos Estados Uni-

dos e Europa, a cantora participou das noites históricas no Beco das Garrafas, no seio do surgimento da Bossa Nova. Gravou seu primeiro disco e em 1961 já atuava ao lado de nomes como Paquito D'Rivera, Luiz Eça, João Donato, Eumir Deodato.

## SERVIÇO

LENY PRESENTE - GILSON PERANZETTA E CONVIDADOS  
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 26/1, a partir das 19h30  
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Alexandre Calladinni/Divulgação



### Tecnomacumba

Reafirmando sua identidade com as raízes afro-brasileiras, Rita Benneditto agita a região portuária do Rio de Janeiro, com a presença marcante do "Bloco Tecnomacumba", reverberando o som e a força dos ritmos afros. A concentração será neste domingo (28), a partir das 17h, na esquina da Avenida Venezuela com a Rua Barão de Tefé. No cortejo, uma fusão de sambas de terreiro, afoxés e blocos tradicionais do Maranhão, terra natal da cantora.

Divulgação



### Para Carlos Lyra

A cantora Cris Delanno une-se ao Quarteto do Rio para um show em homenagem a Carlos Lyra e à Bossa Nova, no Teatro Rival neste sábado (27). A Bossa está no DNA do grupo vocal formado por ex-integrantes do lendário grupo Os Cariocas. E Cris trabalhou em vários projetos com Lyra. Juntos estão preparando um repertório com novos arranjos para os grandes sucessos do gênero, incluindo a obra de Lyra como "Influência do Jazz", "Primavera" e "Sabe Você".

Felipe Braga/Divulgação



### Novo festival

A Na Atividade Produções e o hub musical Fogo no Paiol esquentam a cena cultural independente nesta sexta-feira (26) com o Festival Na Atividade, evento que reunirá música, poesia e artes em geral de maneira inclusiva e democrática, no espaço Havana 59, na Lapa, a partir das 20h. O festival reunirá atrações musicais do selo Fogo no Paiol - as cantoras Viic (foto, Nova MPB/Pop) e Patizza (MPB), a banda Cachaça & Mel (MPB/Pop), o cantor Kdosh (Rap/MPB).

Divulgação



### Novo disco

Depois de marcar presença em festivais de peso como Lollapalooza, Primavera Sound e Coala e realizar uma aclamada turnê em palcos da Europa, Ana Frango Elétrico se apresenta neste sábado (27), a partir das 22h, no Circo Voador. Uma das maiores revelações da novíssima música brasileira, a cantora e compositora carioca fará o show de lançando de seu mais novo trabalho, o álbum "Me Chama de Gato que Eu Sou Sua". Os portões abrem às 20h.

# Nas andanças de Danilo

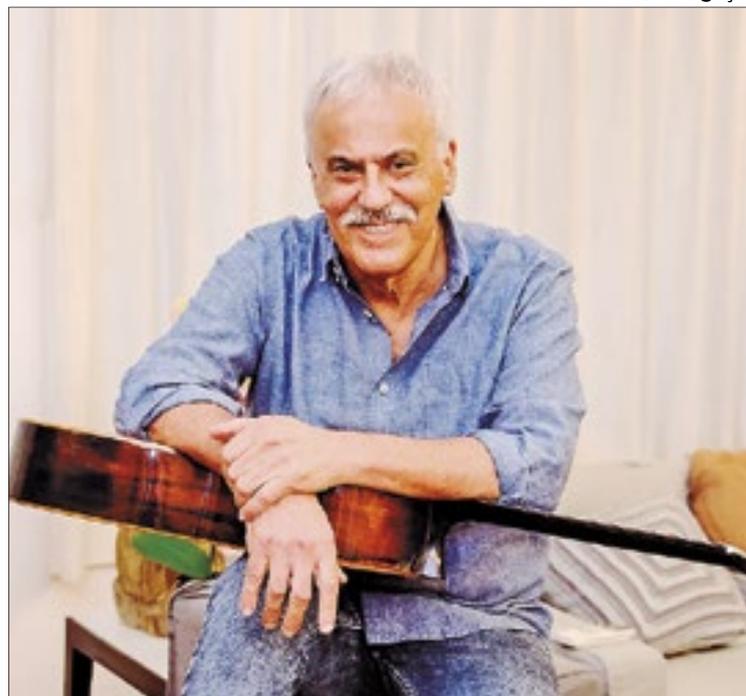
Cantor e compositor lança álbum em que interpreta clássicos da era dos festivais e faz dois shows diferentes neste fim de semana no Blue Note Rio

O cantor, compositor e músico Danilo Caymmi lança nesta sexta, dia 26, o álbum “Danilo Caymmi Andança 5.5” (referência ao clássico eternizado por Beth Carvalho, e às mais de cinco décadas de carreira). De quebra, Danilo fará dois shows no Blue Note Rio neste fim de semana. No sábado (27), apresenta o show Viva Caymmi, com repertório dedicado a seu pai, o eterno Dorival Caymmi; e no domingo, mostra as canções do novo disco.

“O repertório é fruto de uma pesquisa do músico e produtor Flávio Mendes, que já havia produzido comigo o projeto ‘Danilo Caymmi

canta Tom Jobim’. Ele trouxe uma lista de músicas lançadas no entorno de “Andança” e dos Festivais da Canção, do final dos anos 1960: a partir desta seleção, chegamos a um consenso sobre o que entraria no disco”, comenta Danilo.

“Nossa ideia foi relembrar a época em que ‘Andança’ apareceu, no Festival Internacional da Canção de 1968. Ela foi a terceira colocada na edição em que “Sabia” foi vaiada pelo público, que preferia “Pra não dizer que não falei das flores”. São canções relevantes da geração mais fantástica da música brasileira, não só em termos de qualidade, mas também de longevidade”, pontua Flávio Mendes.



Armando Paiva/Divulgação

**Danilo conta que vem priorizando seu lado intérprete**

“Danilo Caymmi Andança 5.5” é, sobretudo, um álbum de intérprete, uma espécie de trilha sonora da trajetória musical de Danilo Caymmi. “Começamos este projeto da mesma maneira que fizemos o anterior, focando na minha interpretação, coisa que venho priorizando nos últimos tempos. A partir daí, começamos a vestir as canções com flautas (em dó e em sol), todas to-

cadadas por mim, cello e percussão. Não usamos piano, baixo e bateria, seguindo esse conceito de valorizar a voz”, comenta Danilo.

Mesmo reunindo clássicos como “Sabia”, “Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores”, “Travessia”, “Pra dizer Adeus”, “Eu a Brisa”, “Viola Enluarada” e “Andança”, entre outros, o álbum “Danilo Caymmi Andança 5.5” não tem caráter



saudosista, como explica Danilo: “A ideia foi gravar essas canções à minha maneira, dar novas versões para elas. Eu sinto que estou no meu melhor momento como intérprete e o disco traduz muito bem esse momento”.

A capa do álbum (e do single que o antecedeu) reproduz um dos quadros pintados por Danilo Caymmi durante a pandemia. Estudante de arquitetura, Danilo herdou do pai, além da veia musical, o talento para a pintura. **Divulgação**

## SERVIÇO

27/1: VIVA CAYMMI, às 20h e 22h30

28/1: ANDANÇA 5.5, às 19h  
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)  
Ingressos entre R\$ 40 (meia) e R\$ 160

## CRÍTICA / DISCO / O SAMBA NÃO É DE NINGUÉM

# Naturalmente sambista

Por Aquiles Rique Reis\*

Sempre tive Zeca Baleira em alta conta. Ouvia suas músicas bem estruturadas, que não se prendem a convenções ou estilos pré-concebidos. Admirava suas letras, libertas do senso comum. Mas eis que neste momento, quando 2024 tateia à espera do Carnaval, Zeca nos vem com um disco temático... onze sambas! A curiosidade me fez pensar: só sambas...? Como assim?

Bem, vamos lá: em 2013, Zeca decidiu gravar alguns sambas autorais, acompanhado de um quinteto de grandes instrumentistas do gênero regido pelo produtor e parceiro Swami Jr. Trabalho que só agora vem a público.

Antes de ouvi-lo, tamanha era a vontade de achar uma pista que me guiasse ao que o levou a essa opção, fui ao release. Lá estava O Samba

Não é de Ninguém (Saravá Discos, com distribuição da ONErpm).

Mas pensei: o que teria levado Baleira, um compositor sempre disposto a se reinventar, a dar um cavalo-de-pau em sua carreira? Mas quer saber? Minha dúvida não procede. Ele não precisa dar explicações sobre para onde irá sua obra. Decide e vai!

É... mas não rolou simples assim, não. E é o próprio Zeca que nos fala sobre sua hesitação: “O samba pra mim sempre foi um lugar meio que sagrado, intocável, perigoso... Os sambas que gravei foram sempre em tom paródico, quase como uma alusão brejeira à brasilidade, quase um samba ‘fugindo do samba’. (...) Aqui não, aqui o samba é levado muito a sério, res-



Divulgação

peitando a tradição lírica e melódica do gênero (...).” A dúvida que me assolara dissipou-se.

Para reverenciar o samba, Zeca criou uns bem raiz e outros mais bossa – oito só seus e três em parceria com Eliakin Rufino, Salgado Maranhão e Swami Jr. Alguns são em tom menor, marca registrada de sambas clássicos (ao final deste texto estão três links para audição).

Com som mixado por Alexandre Fontanetti e masterizado por Carlos Freitas, os instrumentistas dão no couro com vontade. São eles: Zé Barbeiro (violão 7 cordas), Gian Correa (violão), Swami Jr. (violão e violão de 7 cordas), Henrique Araújo (cavaquinho e bandomolim), Douglas Alonso (percussão e bateria), Vitor da Candelária (percussão), mais o coro formado por Alemão do Cavaco, Ana Duartti, Lissandra Oliveira, Marcello Furtado e Tatiana Parra. E tem alguns convidados: Rubinho Antunes (flugelhorn), Allan Abbadia (trombone), Alexandre Ribeiro (clarinete e clarone), Tiago Costa (piano) e Teco Cardoso (flauta em sol).

Zeca Baleira canta com a naturalidade de um veterano sambista

de carteirinha. Assim, fazendo jus a ganhar destaque num meio que ele próprio considera “sagrado, intocável, perigoso”, ajunta-se a bambas de hoje e de sempre.

## Destaques

“Santa Luzia” (ZB): <https://youtu.be/W9tKahtzID8?si=KaDr34lGbXnU-7ia>

“Casa no Céu” (ZB e Eliakin Rufino): <https://youtu.be/h48SyYPczEg?si=kXQQ8-94Y-sHLhOm>

“Amorosa” (ZB): <https://youtu.be/BhqVzS3WBQc?si=X-qUIAjZ4lOkUSury>

**PS. A capa do disco, que terá versão em vinil, é do saudoso Elifas Andreato. Falecido em 2023, esta é uma de suas últimas capas.**

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# Dias de folia na Bahia

Conheça 10 festivais e celebrações que antecipam o Carnaval de Salvador

Divulgação



**Olodum, uma das atrações mais tradicionais na cidade**

Por Laura Lewer (Folhapress)

**T**alvez seja de Salvador o mais extenso calendário carnavalesco do Brasil. Do início do ano até a data oficial da folia - que na cidade já começa na quinta-feira, dois dias antes do que costuma ser feito em parte do país - a capital tem a agenda abarrotada de festas de rua e de celebrações culturais e religiosas.

O calor do verão e a iminência da maior festa de rua brasileira dão um empurrãozinho no turismo e na vontade de circular pelas ruas soteropolitanas, mas a cidade também monta, anualmente, uma programação forte.

O resultado aparece nos números - 800 mil turistas, 36 mil deles estrangeiros, mais de R\$ 2 bilhões movimentados com o setor e uma taxa de ocupação de 97% nos hotéis da cidade, segundo dados da prefeitura.

São atrações majoritariamente

gratuitas e que se espalham diariamente por várias regiões da cidade. Exemplos são o Fuzuê e o Furdunço, que colocam na avenida grupos culturais e trios a praticamente uma semana do início oficial do Carnaval, e a Melhor Segunda-Feira do Mundo e o Pipoco, liderados por Xanddy e Léo Santana.

Também é um bom momento para conhecer as raízes fincadas na religiosidade que tem Salvador: nos dois primeiros dias de fevereiro acontecem as tradicionais Lavagem de Itapuã e Festa de Iemanjá.

O finalzinho do janeiro também guarda uma nova edição do Festival de Verão Salvador, que mistura, em seu lineup, exemplos importantes da música baiana, como Caetano Veloso, Ivete Sangalo, Carlinhos Brown, Daniela Mercury e Ilê Aiyê, a artistas de outras regiões do país, como Lulu Santos, Liniker, Matuê e Luísa Sonza.

Veja, a seguir, uma lista de 10 eventos que antecipam o Carnaval em Salvador e valem a atenção.

## JÁ É CARNAVAL NA BOA TERRA

### SÁBADO E DOMINGO (27 E 28/1)

#### Festival de Verão Salvador

É o 25º aniversário do festival que ocupa o Parque de Exposições em um fim de semana recheado de apresentações musicais de peso que somam cerca de 30 horas de show - e um lineup que coloca em destaque os artistas baianos e novos nomes da música nacional.

Tocam, divididos entre os dois palcos principais do evento, nomes como Ivete Sangalo, que prepara show inédito, os artistas Bell Marques e Claudia Leitte, que cantam juntos pela primeira vez, e Daniela Mercury, que convida para o palco Margareth Menezes e o grupo Ilê Aiyê.

Também passam pelos palcos nomes como Léo Santana, que faz show com Luísa Sonza, Carlinhos Brown, que une forças com o BaianaSystem, e Caetano Veloso, que faz a última apresentação especial de seu show baseado no clássico álbum "Transa", de 1972. O festival ainda convida CeeLo Green, única atração internacional do evento.

O festival ainda terá o Palco Rua, que capricha nos rostos locais em ascensão e convida, para este ano, nomes como O Kannalha, Illy e Diggo, e outro espaço dedicado à música eletrônica.

### QUINTA-FEIRA (1/2)

#### Lavagem de Itapuã

O evento secular é feito sempre nas quintas-feiras anteriores às que abrem os trabalhos do Carnaval soteropolitano. Começa já na madrugada, quando os moradores da região de Itapuã desfilam pelo bairro em um Bando Anunciador que convida, com a ajuda da música, os moradores para a festa.

Por volta das 10h30, mergulhados no sincretismo entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, o cortejo vai, pela orla, do bairro de Piatã até as escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã - figura celebrada pela festa -, onde baianas lavam o lugar com água de cheiro em um ritual de purificação.

A festa ainda toma todo o dia com cortejos, missas e outras apresentações culturais, como blocos de rua.

### SEXTA-FEIRA (2/2)

#### Festa de Iemanjá

A celebração da orixá conhecida como a rainha do mar é uma das mais importantes manifestações religiosas da Bahia e tem seu pontapé já na madrugada, na Casa de Iemanjá, que fica no bairro do Rio Vermelho, ao som dos tambores do candomblé.

É na alvorada que a festa começa oficialmente, com fogos de artifício e o público reunido para depositar suas oferendas - normalmente flores - para que os pescadores possam deixá-las em alto mar no fim da tarde.

O dia é preenchido por apresentações de grupos de samba, capoeira e percussão espalhados pela orla do bairro e também por programações paralelas, como o Festival Oferendas, que promove, nos dias 1º e 2, na Lálá Casa de Arte, shows de nomes como Josyara, Tambores do Mundo, Jadsa e Juçara Marçal, além de sets de DJs.

### SÁBADO (3/2)

#### Fuzuê

A partir das 14h, o circuito Orlando Tapajós recebe 42 grupos culturais e de fanfarras, todos com as tradicionais bandas de chão, para a sétima edição do Fuzuê. Tocam, por exemplo, Gravata Doida, Afoxé Filhos de Korin Efan, A Mulherada e Escola de Samba Unidos de Itapuã.

### DOMINGO (4/2)

#### Banho de Mar À Fantasia

Este é um dos mais animados entre os eventos que dão um gostinho do Carnaval de Salvador. Logo cedo, por volta das 9h, foliões já se concentram na Ladeira da Preguiça. O cortejo puxado por grupos carnavalescos costuma sair ao meio-dia, com música guiando a multidão pelas ruas do bairro - e tudo acaba em um banho de mar na praia da Gamboa.

### Furdunço

No mesmo circuito do Fuzuê, marcado no dia anterior, o Furdunço reúne 52 atrações para animar a festa também a partir das 14h. É dia de curtir grandes atrações como o Olodum, a banda Psirico, os cantores Gerônimo e Jammil e a banda BaianaSystem, que desfila com seu famoso Navio Pirata. Circuito Orlando Tapajós - de Ondina (Clube Espanhol) ao Farol da Barra

### SEGUNDA E TERÇA-FEIRA (5 e 6/2)

#### Melhor Segunda-Feira do Mundo e Pipoco

Os dois dias são comandados por grandes nomes da folia. No dia 5, Xanddy sobe no trio para guiar a Melhor Segunda-Feira do Mundo e, no dia seguinte, Léo Santana leva seu pagodão baiano para o tradicional Pipoco. As duas festas fazem o trajeto que vai de Ondina até o Farol da Barra a partir das 17h.

### QUARTA-FEIRA (7/2)

#### Habeas Copos e fanfarras

Os cem músicos da banda se dividem entre sopro e percussão no desfile que abre o Carnaval de Salvador às 23h e passa pelo circuito Sérgio Bezerra - o fundador do grupo -, que vai do Farol até o Morro do Cristo. O desfile é de graça, mas quem quiser pode desembolsar R\$ 100 para fazer o trajeto dentro da corda e ao lado da banda. Além da Habeas Copos, a avenida também é preenchida por outros grupos musicais, como Xupisco, Amigos do Mestre e O Caldo.

### Benção do Olodum

O bloco afro fundado em 1979 faz apresentações pagas na cidade - a próxima delas está marcada para o dia 30, no Pelourinho.

### Cortejo Afro

Criado em 1998 na Bacia do Cobre, no Parque São Bartolomeu, o grupo cultural faz vários ensaios de seu braço musical que une também artes visuais e dança. A mistura de ritmos africanos com batidas eletrônicas e sonoridades latinas e do pop é mesclada com a de convidados como Gerônimo, Xande de Pilares e Afrocidade, que participaram dos ensaios deste ano.

## Paulo-Roberto Andel

### Três da tarde

Eu queria sair por aí, ir embora, tomar um sorvete e ir para uma casa. Sem nenhum luxo que não fosse um ar condicionado. Eu queria dar uma volta para ver o mar e a natureza, como se fosse me despedir deles. E caminhar longamente por uma rua com muitas árvores - com pequenos micos, quase nenhum carro, quase nenhuma pessoa e adoráveis cachorros nas varandas das casa. Andar sozinho, do jeito que tem sido nessa terra de humilhações, agressões e desumanidade. Eu queria sair por aí e deixar o mundo para trás, com sua covardia e opressão. Quem sabe poder pegar o primeiro avião para a terra mais distante, sem prazos nem rumos, sem planos, quem sabe?

Eu queria andar num lugar onde não me sentisse tão estrangeiro, tão fora de propósito, tão desfocado do que chamam de senso comum. Numa rua de um bairro simples e com pouca gente, sem nenhuma sofisticação mas um mínimo de conforto. Olhando os muros, as arquiteturas, as janelas de serenidade.

Querida também reencontrar a maioria dos meus poucos amigos, mas acontece que eles estão mortos, muito mortos, e nunca me deram qualquer sinal de espírito. Então esse querer se torna inútil pelas condições adversas. Eu me lembro deles, rio e choro com eles quase sempre, passo as páginas do livro dos dias sem que eles apareçam numa linha sequer. Só estão em minha memória e, quando ela morrer, tudo será inútil.

Nada de lojas, mercados, produtos, roupas, artigos de vitrines, nada disso. Apenas caminhar numa rua bem arborizada e, com sorte, encontrar um senhor que venda refresco de laranja ou limão na calçada. É o

que basta. Quase todo o resto é desimportante.

Era apenas caminhar num dia calmo, de paz, sabendo que poderia chegar tranquilo em casa, tomar um banho, descansar, rir e depois mergulhar numa pacífica noite de sono. Depois acordar e ter uma boa manhã, com café, sem medos ou dores, sem a menor chance de sofrimento. Era apenas um passeio descompromissado e simples, não a gota d'água.

Pode parecer uma bobagem, mas esse simples desejo é impossível para centenas de milhões de pessoas, dentre as quais me incluo. Sou apenas mais um. A formiguinha perdida na grande serra, prestes a ser abatida porque na modernidade a natureza é inútil diante de grandes corporações construtivas.

Não se trata de negar as conquistas admiráveis da ciência, longe disso, mas temos um mundo moderno para uma ninharia de gente. A maior parte está muito longe disso, longe de uma boa noite de sono, de uma casa com algum conforto, de um bom almoço. Neste exato momento, a alguns quilômetros daqui pessoas perderam as poucas coisas que conseguiram no trabalho de uma vida inteira - e agora estão com água até o peito. Nunca puderam passar direito porque sair sempre significou levar duas ou três horas até o trabalho, passar o dia e voltar para casa não para dormir, mas desmaiar de cansaço.

Eu queria mesmo era a paz. Infelizmente ela é impossível para qualquer pessoa de senso gregário, ainda que este item esteja a caminho da extinção. Hora de fechar a janela, a porta, encerrar o expediente e aguardar mais um dia de pena. A cumprir.

# A violência nossa de cada dia

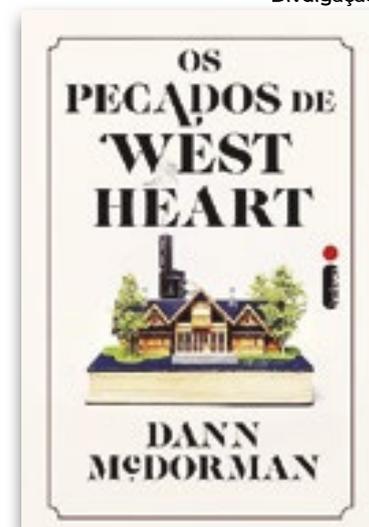
Por Olga de Mello  
Especial para o Correio da Manhã

**A**s técnicas literárias de suspense, fatos sobre os escritores de novelas policiais e até o mistério de mortes sucessivas durante um feriado: a junção desses elementos faz de *Os pecados de West Heart* (Intrínseca, R\$ 59,90), do americano Dann McDormann, um divertido thriller-dissertação.

A cada descoberta do protagonista, um detetive particular que vai investigar os associados do antiquado clube de caça, um condomínio de ricos, próximo a Nova York, se intercala uma digressão a respeito de autores, análises de textos de clássicos do gênero e modificações no estilo narrativo (primeira pessoa do singular, do plural, terceira pessoa, marcações de diálogo de peça teatral).

Tomando o leitor como interlocutor, a trama jamais é abandonada por McDormann, jornalista que trabalha em televisão e já teve indicação ao Emmy. Personagens são apresentados em lista, como fazia Agatha Christie, o sarcasmo de Dashiell Hammet e Raymond Chandler descreve situações. Também há análise de passagens da vida dos mestres da Era de Ouro do romance policial, além de citações às raras incursões no segmento de quem se dedicou a outro tipo de ficção, como Jorge Luis Borges.

Mesmo sem perder o fio da meada, McDormann dá a impressão de que se divertiu muitíssimo em aliar seu conhecimento literário a uma história que buscou reunir todas as diferentes



nada e de seus executores. Segundo Tochman, antes da chegada dos europeus ao território, hutus, tutsis e pigmeus compartilhavam a mesma cultura e fé religiosa. O livro foi lançado em 2010, expressando a sensação de incômodo e não-pertencimento que os ruandeses experimentam, descrito a seguir pelo jornalista: "... Ruanda é o país do medo. Assim como todo o continente. Só que em outros lugares, os africanos têm medo dos feitiços, dos poderes do mal e dos espíritos. Mas um homem ruandês tem medo de outro ser humano: de chantagem, de calúnia, de denúncia e de acusação — referente a participação no genocídio ou a uma conspiração contra o governo. Não importa se a acusação é falsa. O importante é que é difícil se livrar de tudo isso".

\*O preço bem atraente dos livros da Ayiné é para exemplares comprados no site da editora, que está liquidando com seu estoque (<https://ayine.com.br>). Em 2023, o custo do livro subiu em torno de 7%, mesmo percentual que o setor experimentou em queda de vendas no varejo. Algumas editoras passaram a vender seus títulos em promoções. É ficar atento ou buscar em sebos. Além dos sebos virtuais, há os que resistem com lojas físicas, entre eles o Baratos da Ribeira, na Rua Dezenove de Fevereiro 90, em Botafogo, no Rio de Janeiro, que além de um excelente acervo de livros, têm muitas ofertas em discos de vinil e quadrinhos.

Fotos Divulgação

# Um best-seller com a visão além do alcance

Editora Dynamite surpreende mercado de gibis dos EUA com linha de HQs dos ThunderCats

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

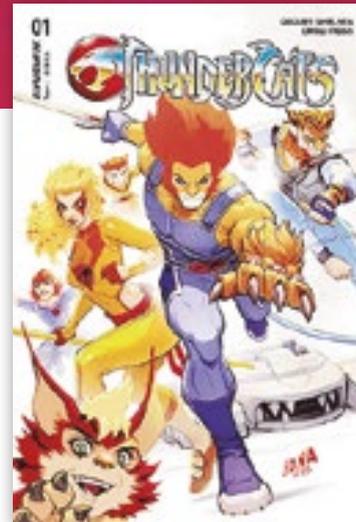
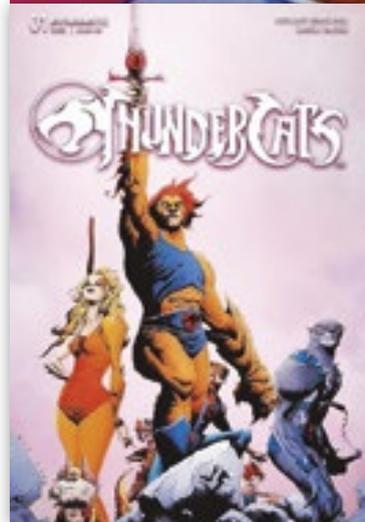
**N**em a Marvel do Homem-Aranha, nem a DC do Superman: quem lidera as vendas no mercado editorial de quadrinhos dos EUA, neste início de 2024, é a linha de gibis dos ThunderCats da Dynamite Entertainment. Criada em 2004 com o projeto de apostar em HQs baseadas em filmes e séries, como “RoboCop” e “Exterminador do Futuro”, a editora comemora a venda de tiragem de 170 mil cópias da série baseada no fenômeno dos desenhos animados dos anos 1980.

Declan Shalvey assina os roteiros e Drew Moss desenha as tramas, de 24 páginas por edição. O rol de capas alternativas traz o traço de Jae Lee, June Chung e Ivan Tao. O êxito do título surpreendeu gibiterias e livrarias, ampliando o espaço multimídia de um produtor que voltou a angariar fãs via streaming.

Repercutindo hoje entre os assinantes da HBO Max, o grito de guerra “Thunder... Thunder... ThunderCats... Ho!” virou um bordão pop. Ele foi popularizado mundialmente graças ao fenômeno de audiência de um seriado de animação desenvolvido pelo roteirista Tobin Ted Wolf (1922-1999) e pelo quadrinista Leonard Starr (1925-2015). O esforço deles era para criar uma aventura com felinos humanoides na Era Ploc. Aquelas eram tempos de He-Man, na série “Masters of the Universe”, e a mistura de sci-fi com fantasia capa & espada estava em alta. Foi então que a Rankin/Bass Productions desenvolveu uma



*Lion-O era dublado por Newton Damatta no desenho dos anos 1980*



saga de 125 episódios, lançada em 23 de janeiro de 1985 na Telepictures Corporation, e exibida até 1989, tendo como protagonista o guerreiro Lion-O.

Desses, 65 episódios estão hoje no streaming da HBO, e com a antológica versão brasileira dublada na Herbert Richers, na qual Newton

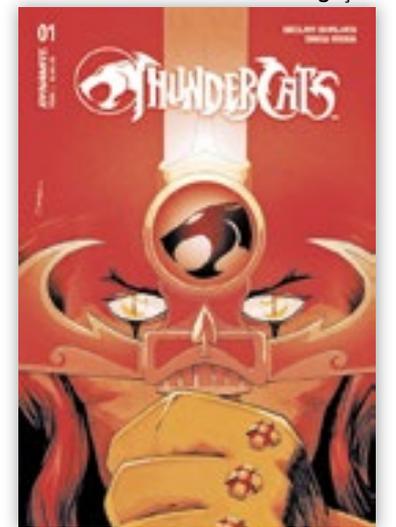
DaMatta (1935-2006) dublava Lion-o. Ele é o herdeiro do império de Thundera, seu planeta natal, que entra em entropia. Essa mesma premissa pode ser acompanhada nos gibis da Dynamite.

Em busca de um novo lar, Lion-O, um leão humanizado, trafega pelo espaço ao lado de seus com-

panheiros: o mecânico e carateca Pantho, a velocista Cheetara, o alquimista Tygra, os irmãos WilyKit e WilyKat e o babá Snarf. Essa turma cai no Terceiro Mundo, um lugar cheio de perigos, começando pela pirâmide do bruxo Mumm-Ra, que, evocando sortilégios de sua feiticeira (“Antigos espíritos do Mal, transfor-

mem esta forma decadente no Ser Eterno”), vira um monstro com ares de faraó. Lá também caem inimigos do passado dos bichanos: os mutantes da raça Plun-Darr, formados por Escamoso, Simeano, Chacal e Abutre. Com a ajuda de um tanque, o Gato Guerreiro, no aconchego da Toca dos Gatos, Lion-O - que virou um adulto sob os efeitos dos raios cósmicos estelares - passa a usar a Espada Justiceira para defender seu povo, os ThunderCats. Espada que lhe dá a Visão Além do Alcance.

Lançado no Brasil na Globo numa sessão de desenhos que havia aos domingos, ao lado da franquia “Transformers”, os ThunderCats foram posteriormente anexados ao “Xou da Xuxa”, depois que a Glaslitz lançou uma linha de brinquedos baseado no desenho, com direito a uma Espada Justiceira que acendia com pilhas. Mais adiante, o SBT, conveniu-se com a Warner Bros., a detentora dos direitos da série, e exibiu as aventuras de Lion-O, nos anos 2000. Em 2011, saiu uma nova versão dos heróis, copiando elementos dos animes do Japão. E existem projetos prum longa live-action com os personagens, que inspiraram ainda um outro seriado, também desenhado por Leonard Starr: “Silverhawks”, que o SBT lançou aqui em 1987. Mas este não teve o mesmo sucesso que as peripécias de Lion-O & cia., que notabilizaram seus dubladores. Quem dublava Mumm-Ra era Silvio Navas (1942-2016), a voz de Darth Vader e do Papai Smurf. Na época, ele e Newton DaMatta (a voz de Lion-O) faziam dupla dublando os filmes da franquia “Trinity”, com Terrence Hill e Bud Spencer.



# Aquele jeito Nany de ser

Comediante mineira é a tração desta sexta no Festival Humor Contra-Ataca

**E**m cartaz desde o início do mês no Qualistage, o Festival Humor Contra-Ataca segue neste sexta-feira (26) com “Então... Deu No que Deu”, com a comediante Nany People. O solo traz um apanhado de histórias e números presentes em espetáculos anteriores da artista como “Nany é Pop!”, “Sob Medida” e “Tsu-NANY”.

“Então... Deu No que Deu” é um mix dos meus melhores momentos das outras produções, porém com novas piadas e interpretações. Além de novidades

especiais, é claro, pois o humor é sempre vivo, e cada espetáculo é único”, adianta a humorista mineira, que conquistou o país, e que atualmente está no ar no Mesa-Cast BBB.

Como de costume, o público vai conferir, de maneira leve e muito divertida, histórias, curiosidades e causos contados com “o jeito Nany de ser”. Além disso, há ainda números musicais presentes em “Nany é Pop!”, solo que traz canções de amor, e em “Sob Medida”, com canções que homenageiam Fafá de Belém.

Entre os temas abordados



Divulgação

## SERVIÇO

NANY PEOPLE - ENTÃO...  
DEU NO QUE DEU  
Qualistage (Av. Ayrton Senna,  
3.000 - Via Parque Shopping)  
26/1, às 21h30  
Ingressos a partir de R\$ 40  
(meia)

**Nany People:**  
**‘O stand-up permite variações e adaptações, então, o espetáculo vem sendo revisitado o tempo todo’**

nas histórias contadas pela atriz, estão experiências, impressões e vivências adquiridas em diversas situações e lugares do mundo em seus quase 50 anos de carreira; sátiras do cotidiano que Nany gosta de trazer para provocar o público, como os bons e dos maus hábitos da vida moderna, especialmente os tecnológicos e sua ligação profunda com a nossa vida social, econômica e sexual; além de muita interatividade com o público, uma de suas marcas.

“O stand-up permite variações e adaptações, então, o espetáculo vem sendo revisitado o tempo todo, e cada apresentação traz novas histórias e muitas risadas. Afinal, o tempo vai mudando os nossos hábitos também”, reflete a atriz, que recentemente interpretou a Mariângela na novela “Fuzuê”, está na terceira temporada da série de humor “Vai que Cola” e integra também o júri do quadro Caldeirola do Caldeirão com Mion.

# Vai, vai, vai começar a brincadeira

Tabladinho Cultura estreia na folia com seu baile de carnaval

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Quem com menos de 70 anos, criança do Rio de Janeiro, não tem as melhores lembranças do Teatro Tablado. As peças infantis, a escola de formação de artistas que participação de carreiras importantes, os espetáculos para jovens. Tantas felizes referências orquestradas pela magia de sua fundadora, Maria Clara Machado.

Assim, surge um novo herdeiro: o Tabladinho Cultural, que inaugura as suas atividades neste

domingo (28) com uma série de atividades, oficinas de percussão, pequenos cortejos e um baile de carnaval.

Um lugar que se propõe a reunir shows, oficinas, brincadeiras e comidinhas. Um espaço de encontro, de afeto, de sorrisos, aprendizado para novas histórias e memórias serem criadas.

Pelas mãos das produtoras culturais Gabriela Motta, mãe de uma menina de 2 anos; e Flavia Ribeiro, mãe de uma de 10, o espaço que fica no terraço de um prédio anexo ao Teatro Tablado, entre a



Renato Mangolin/Divulgação

## A Little Be é uma das atrações no Tabladinho

Lagoa e o Jardim Botânico, está prestes a se tornar realidade para as famílias cariocas. Os adultos - pais, amigos e familiares - também encontrarão uma experiência divertida para eles.

“Surgiu a proposta de transformar o Tabladinho em algo ainda mais acessível, expansivo e, principalmente, cultural”, conta Flavia. Daí, nasceu o Tabladinho Cultura, com agenda diversa, mudando as

atrações a cada edição.

Gabriela, neta de uma das fundadoras e sobrinha das diretoras do Tabladinho, se indagou por que não ir além e oferecer eventos aos finais de semana para as famílias cariocas que sempre sofrem com a falta de programações infantis bacanas. “Diante desse cenário, procurei Lucia e Inez (dotoras) para discutir o que poderíamos fazer neste novo capítulo. Pedimos

permissão para imaginar um novo caminho, uma nova fase”, explica Gabriela. “Nossa missão é continuar a tradição, comprometidas em preservar o espírito único do Tabladinho, agora em um formato que permitirá que mais pessoas vivenciem essa magia”.

A atração principal será o Bloquitcho de Carná, projeto musical envolvendo Zé Motta, Laura Becker e Michel Niremberg, com cortejos lúdicos e interações para todas as idades.

A bateria mirim do Bloco do Sargento Pimenta, Little Be, realizará uma oficina única para crianças a partir de 7 anos. A DJ Tati da Vila trará seu talento musical.

## SERVIÇO

BAILE DE CARNAVAL  
TABLADINHO CULTURAL  
Av. Lineu de Paula Machado,  
795 - 3º andar - Jardim Botânico  
28/1, das 15h às 20h  
Ingressos: R\$ 60 (crianças menores de 2 anos não pagam)

CRÍTICA / TEATRO / BITUCA - MILTON NASCIMENTO PARA CRIANÇAS

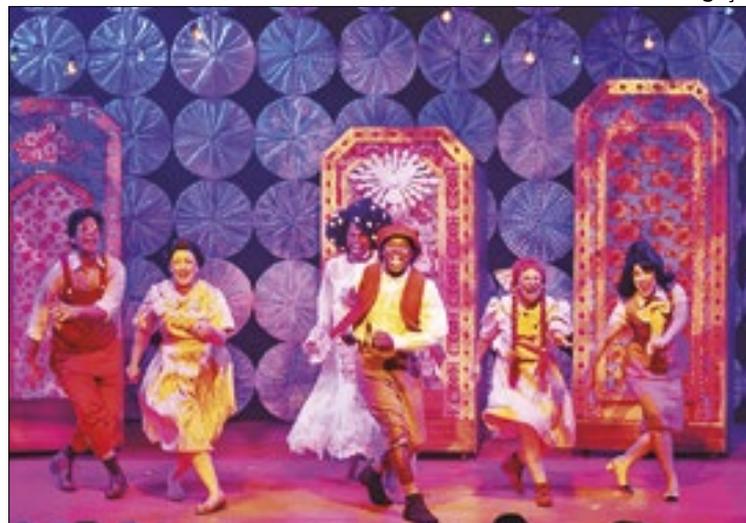
# Amor é para se guardar do lado esquerdo do peito

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

**H**á espetáculos teatrais que cumprem uma função da arte: vaticinar, alertar, prever. Esse caminho não é feito de ódio. Muito pelo contrário. É feito de beleza, poesia, emoção. A série Grandes Músicos para Pequenos, que celebra 10 anos em 2024, retorna agora com “Bituca – Milton Nascimento para Crianças”, mais uma peça em que a dupla Pedro

Henrique Lopes (texto) e Diego Moraes (direção) acerta na dose de contar uma biografia, fazer um belo musical e ainda falar de valores importantes para todos.

Em “Bituca”, diferente das outras peças – na quais não são as vidas reais – o que se conta é a verdadeira história de Milton Nascimento. A dramaturgia é muito interessante pois alterna, em cenas que facilitam a compreensão das crianças, os temas da adoção e do racismo. Contada em ordem cronológica, os episódios são tiradas de



Divulgação

**Em ‘Bituca’, o que se conta é a verdadeira história de Milton Nascimento**

fatos reais da vida do artista. A adoção pelos patrões de sua avó, pois a mãe de Milton morreu quando ele tinha dois anos. A introdução de uma linda mãe, na ótima interpretação de Anna Paula Black, reforça o amor materno como um senti-

mento que sobrevive em qualquer situação.

O elenco afinadíssimo formado por Udyllê Procópio (Milton), Prêmio CBTIJ 2017 de Melhor; Martina Blink (Mãe), Aline Carrocino (Maricota), Anna Paula Black (Mãe Maria), Marina Mota (Professora) e Pedro Henrique Lopes (Salomão) fica centrado na vida de Bituca na escola, quando Aline

é a antagonista porque Maricota levanta as questões do racismo e da adoção. Os cenários em biombos são lindos e que se adaptam perfeitamente às mudanças de locais.

Os conflitos são resolvidos de uma forma em que a jovem plateia consegue entender que filho é ser do coração e que o racismo é algo totalmente negativo. As músicas maravilhosas, sempre colocadas de forma apropriada, fazem com que todos se entusiasmem e que na luta do bem contra o mal o que vence é o talento, o amor, a amizade e que o preconceito é algo a ser definitivamente banido.

## SERVIÇO

BITUCA - MILTON NASCIMENTO PARA CRIANÇAS  
EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008)  
Até domingo, sábado e domingo (14h e 16h)  
Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Passado é o futuro

“Arqueologias do Futuro” é uma performance-depoimento a partir de memórias - vividas e inventadas - da vida do performer Mauricio Lima no Complexo do Alemão, acompanhado de mais 30 vozes, se perguntando: o que o corpo fala? Quais corpos são vistos e ouvidos? Quem tem direito de narrar suas próprias histórias? A dramaturgia parte do “museu” como uma metáfora, mas também se relaciona com os elementos museológicos de forma concreta a partir da ideia de acervo. Sesc Copacabana. Qui a dom às 20h30. Até 4/2.

Rodrigo Menezes/Divulgação



Divulgação

### Pasolini, corpo e alma

“Pasolini no Deserto da Alma”, em cartaz no Teatro Glaucê Rocha - com texto e direção de Francis Meyer e elenco formado por Maurício Silveira (Pasolini), Leo San (Davoli), Diego Rosa (Pelosi) e Rose Scalco (Laura) - permite ao espectador o privilégio de entrar na intimidade de um artista polêmico com recorte focado nos seus momentos mais intensos durante a sua curta existência. O texto está desenhado em formato confessional e propõe uma conversa com o público, a quem o protagonista autoriza uma imersão em seu universo pessoal e na sua identidade.

Juliane Rocha/Divulgação



### A união nos liberta

“Libertas – Um Jogo Cênico” estreia nesta sexta-feira (26) no Teatro Ruth de Souza. A história transmite a mensagem de que, mesmo em meio às adversidades, a união e a busca pela liberdade podem ser a chave para a superação. A abordagem criativa fundamentada em diversos jogos teatrais permite que a peça se mostra um importante instrumento de educação e reflexão sobre pautas como preconceito, discriminação e desigualdade, alicerces que impulsionam nossa humanidade: liberdade, igualdade e a busca pela realização de nossos sonhos.

# Kusturicalândia

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**N**ão é possível comprar Coca-Cola num resort na vila de Mokra Gora, no noroeste da Sérvia, na fronteira com a Bósnia, a cerca de três horas de Belgrado, onde filmes do planeta todo estão em exibição, até sábado, no Küstendorf International Film and Music Festival.

A interdição foi imposta por Emir Kusturica, diretor laureado duas vezes com a Palma de Ouro de Cannes, por “Quando Papai Saiu Em Viagem De Negócios” (1985) e “Underground – Mentiras de Guerra” (1995). Foi ele quem criou o evento e assumiu sua curadoria, levando essa maratona cinéfila ativa – e prestigiada – ao longo de 16 edições.

A mais recente, a de número 17, começou na terça, com a projeção de “Io Capitano”, de Matteo Garrone, um dos concorrentes ao Oscar de Melhor Filme Internacional. Não se vende refrigerante por lá porque ele não aceita símbolos imperialistas. Foi a imposição que ele determinou quando ergueu sua Kusturicalândia.

“Este festival é único no mundo, pois ele não se rende a estrelas hollywoodianas, nem adula celebridades, valorizando vozes autorais que acabam perdendo os holofotes nas maratonas exibidoras internacionais como Cannes”, explica o jornalista sérvio Srdjan Jokanovic. “Para o nosso país, este evento permite que a nossa cinefilia possa se relacionar diretamente com as expressões criativas mais importantes do Presente. Tudo isso é feito sob a égide de nosso mais respeitado diretor, Kusturica, que se apaixonou por este território aqui, quando veio filmar na região, e investiu suas forças para erguer esta vila”.

Tudo surgiu da experiência de Kusturica nas filmagens de “A Vida

## Cineasta ganhador de duas Palmas de Ouro transforma resort nas montanhas da Sérvia num templo de devoção ao filme autoral, com direito a festival

Fotos Rodrigo Fonseca



**Emir Kusturica recebe a imprensa no resort junto à fronteira com a Bósnia transformado em um templo da cinefilia**

É Um Milagre”, ganhador do Prêmio do Sistema Nacional de Educação da França, em 2004. A história de amor entre um casal muito loco, fraturado pela guerra entre sérvios e bósnios, é marcada pela presença de uma jumentinha que empaca na linha do trem que cru-

za a cidade. O tom fabular daquela trama dá o tom de Küstendorf, na decoração hipercolorida dos chalés e da capelinha local, assim como num café onde é possível comprar doces feitos como coco e chocolate.

Respira-se cinema em cada canto de Küstendorf, que exhibe

clássicos restaurados numa salinha de projeção chamada Cine Stanley Kubrick, em tributo ao realizador de “2.001 – Uma Odisseia No Espaço” (1968). Hoje, a atração lá é “Sindicato de Ladrões” (1954), que completa 70 anos. O restaurante local, que serve pratos típicos

como Urnebes (queijo branco com especiarias como páprica), é chamado de Visconti, em referência ao cultuado diretor de “O Leopardo” (1963). O cardápio de hoje deve ter salada de beterraba, risoto de legumes e presunto defumado.

No sábado, quando o evento chega ao fim, vai orlar sessão de “8½” (1963) neste sábado, numa comemoração ao legado do realizador Federico Fellini (1920-1993).

Será exibido ainda “Disco Boy”, de Giacomo Abbruzzese, produção laureada com o Prêmio de Contribuição Artística na Berlinale de 2023, coroando a fotografia de Hélène Louvart. Mas essa sessão será em outra sala, chamada Damned Yard, cujo nome é uma alusão ao romance “O Pátio Maldito”, de Ivo Andric (1892-1975), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1961, e encarado como um patrimônio artístico dos povos que um dia integraram a Iugoslávia. É nela que se passa a competição oficial de Küstendorf, feita só de curtas-metragens. O programa inicial reúne: “I Promise You Paradise”, de Morad Mostafa; Hikuri, de Sandra Ovilla León; “On The Silk Road”, de Sherzod Nazarov; “Silhouette”, de Savva Dolomanov; “Duck Roast”, de Jelica Jerinic; “Violet Country”, de Mikhail Gorobchuk. O segundo programa inclui “Lemon Tree”, de Rachel Walden; “Short Cut Grass”, de Davi Graso; “Bye, Bye Bowser”, de Jamin Baumgartner; “The Last Shift”, de Askr Unaev; e “9-5”, de Masa Sarovic. Já o último bloco das curtas traz “Highway of a Broken Heart”, de Nikos Kyritsis; “Madden”, de Malin Ingrid Johansson; “mise à nu”, de Simon Maria Kubiena e Lea Marie Lembeke; “Shanti”, de Vivek Rai; “Only The Devil Hates Water”, de Lidija Mojsovska; e “The Creature”, de Damian Kosowski.

Quem vencer a competição deixará a Sérvia sob os auspícios (e o endosso) de Kusturica.

ENTREVISTA / SANDRO VERONESI, ESCRITOR E JURADO DO FESTIVAL DE KÜSTENDORF

# ‘Não é obrigatório inovar a literatura’

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**A**utor de “O Colibri” (filmado em 2022 por Francesca Archibugi) e de “Caos Calmo” (levado às telas em 2008, com Nanni Moretti), o escritor e arquiteto florentino Sandro Veronesi repete sempre a influência do peruano Mario Vargas-Llosa em sua decisão de se dedicar à literatura.

Sua passagem pelo resort de Mokra Gora, na Sérvia, como jurado do Festival de Küstendorf, envolve seu trabalho como roteirista e o interesse que seus livros causam na indústria audiovisual de sua Itália natal. Mas esses livros só existem porque ele leu “Conversa no Catedral”.

“Vargas Llosa é um inventor e, graças a ele, eu cheguei a outros nomes sul-americanos como Jorge Amado e Gabriel García Márquez”, diz romancista de 64 anos, que roteirizou um dos filmes mais disputados do festival sérvio criado pelo cineasta Emir Kusturica: “Comandante”. Seu diretor, Edoardo De Angelis, escreveu com Veronesi uma versão romancada da mesma trama, já à venda no Velho Mundo. O enredo recria a II Guerra Mundial sob os códigos de um filão de gênero que é um imã de sucesso, vide “Maré Vermelha” (1995) e “A Caçada ao Outubro Vermelho” (1990): os filmes de submarino. Mas seu maior chamariz é a atuação do romano Pierfrancesco Favino. Cabe a ele dar vida ao oficial militar Salvatore Todaro (1908-1942), famoso por seu humanismo no mar.

Na entrevista a seguir, Veronesi fala ao Correio da Manhã sobre



Divulgação

**Um dos pilares da prosa europeia contemporânea, o romancista italiano Sandro Veronesi celebra a aposta de Kusturica numa maratona que privilegia curtas e fala da força sul-americana nas Letras**

esse processo criativo no audiovisual, ao mesmo tempo em que dissecou seu método de escrita, coroado com láureas literárias como o Prêmio Strega.

**O senhor vai julgar os curtas-metragens de Küstendorf ao lado da atriz e modelo sérvia Bojana Panic e do cineasta uzbeko Muzaffarkhon Erkinov. O que está aprendendo de mais valioso nesse processo com o cinema?**

**Sandro Veronesi:** O aspecto mais singular do festival é a atenção que ele dedica ao formato curta, ressaltando sua importância para o cinema sob a perspectiva de um curador que fez obras-primas. Eu já escrevi roteiros, uns poucos, e vejo no processo uma metodologia bem

diferente do processo de escrever um romance. Quando eu fiz “Comandante”, com Edoardo De Angelis, em plena pandemia, percebi que muitas boas ideias não estavam nas versões de roteiro que havíamos escrito. Sugerimos transformar o que estava pronto num romance. Partimos para a escrita de um livro, com base na história de Salvatore. Foi dessa prosa literária que veio o caminho para o script final.

**Uma vez que o senhor falou em “metodologia”, na literatura, que procedimentos podem conduzir a novos veios de invenção da prosa?**

Não é obrigatório inovar a literatura. Eu não escrevo para inventar nada. Eu não tenho o que inovar num território que foi reinventado

por Joyce, por Faulkner, por Proust e, sim, por Vargas Llosa. Minha preocupação é com a palavra precisa. Não sou do tipo de autor que trava por falta de ideias, mas, sim, pela falta do modo certo de compartilhá-las com quem vai ler. Sigo um processo no qual eu leio o que escrevia ainda no computador. Depois, leio de novo numa versão impressa em papel. Mudo o que precisar até chegar a uma terceira etapa: uma leitura em voz alta. O que passa dessa triagem é o livro. Entendo o ato de ler em uma analogia com a estadia num ambiente. Se você entra num determinado ambiente e encontra algo fora do lugar – como um móvel mal posicionado, por exemplo -, isso gera desconforto e te desapega do local. Com a leitura se dá o mesmo. Uma palavra mal

posta desconecta o olhar.

**Que novo romance o senhor está preparando?**

Ele se chama “Setembro Negro”, numa alusão aos atentados nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. A trama não se concentra naquela Olimpíada, mas passa por ela. Devo ter um lançamento no segundo semestre, em outubro.

**Como o senhor fala muito em Vargas Llosa, de que maneira a literatura brasileira ocupa sua atenção?**

Eu li muito dos peruanos, dos uruguaios e de García Márquez, passando ainda por Borges. Jorge Amado chegou até mim nesse processo. Esses grandes autores da América do Sul, como o time do Realismo Mágico, geraram obras-primas literárias numa época em que a prosa italiana andava mais preocupada em apostar em política do que em investir na força do romance.

**De alguma maneira a sua literatura foi modificada pelas novas formas de comunicação que vieram com a internet, seja o Twitter ou as linguagens de YouTube?**

O poeta e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini escreveu versos que são muito significativos para a maneira como eu lido com a arte: Eu sou uma força do Passado./ Só na tradição está o meu amor./ Venho das ruínas das igrejas/ dos retábulos, das aldeias”. Estou com ele. Sou reverente à tradição. Eu escrevo livros para contar histórias que ninguém ainda contou, sem a preocupação em discutir linguagens, em seguir tendências. Existem escritores excelentes que não inovaram nada.

## CRÍTICA / FILME / PRÍNCIPE LU E A LENDA DO DRAGÃO

# 'Game of Thrones' do Brasil

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**A**usente das telas desde o musical "Os Saltimbancos Trapalhães Rumo a Hollywood" (2017), Renato Aragão encontrou um caminho muito inusitado – e divertidíssimo – para regressar às telas, de carona num convite do popstar da internet Luccas Neto para fazer uma participação afetiva em "Príncipe Lu e a Lenda do Dragão".

Seu personagem, o Mestre dos Mestres, não é o bom e velho Didi, o Chaplin cearense que comoveu o país e ajudou o eterno trapalhão a levar 30 milhões de pagantes às telas. O guerreiro espadachim que tudo sabe sobre esgrima até tem um ou outro tique do Didi, mas é um

personagem à parte, embora igualmente carismático. A presença de Aragão em cena, assim como a exuberante participação de Zezé Motta no papel da druida Feiticeira, endossa uma experiência audiovisual bastante atípica para o audiovisual brasileiro da atualidade. É uma fantasia, algo nos moldes de "Game of Thrones", ainda que de abordagem infanto-juvenil.

Evoca "Era Uma Vez..." (1995), de Arturo Uranga, e "O Cavaleiro Didi e a Princesa Lili" (2006), de Marcus Figueiredo – numa genealogia brasileira do filão – mas tem o faz sob a égide da linguagem dos youtubers.

Há uma sintonia fina com produções para crianças e pré-adolescentes do YouTube, como o canal "Maria Clara e JP", atração mirim de apelo mastodôntico.



O Youtuber Luccas Neto e o eterno trapalhão Renato Aragão em ação na aventura do Príncipe Lu

Coautor do roteiro com Lucas e Paulo Halm (um dos escribas mais talentosos de nosso audiovisual, Leandro Neri assina a direção de "Príncipe Lu e a Lenda do Dragão" dando ao filme todos os elementos dessas atuais modalidades dramatúrgicas da internet, com tudo o que os vídeos dos bons youtubers têm. Há piadocas com as gírias da meninasadas, há música e há um espírito cronista dos sentimentos que afloram (na gente) quando

os ditames da infância começam a ir embora. Mas há também toda uma cartilha de códigos inerentes às tramas de aventuras capa & espada: combates de lâminas afiadas, magia, heroísmo. Ou seja, o acerto de Neri se faz em dupla via, com um adendo: poço de carisma, Lucas é uma espécie de Michael J. Fox nacional.

Bem amparado plasticamente nos figurinos de Constança Whitaker, Neri nos leva ao Rei-

Divulgação

no de Lucebra, onde o brincalhão Príncipe Lu (Luccas) vive sem preocupações, pregando peças em seus familiares e amigos. Seu pai, o Rei (Maurício Mattar, exemplar em cena), e sua amorosa mãe, a Rainha (Flávia Monteiro), preocupam-se às pampas com o filho, pois, segundo reza a lenda, quando completar 18 anos, ele vai enfrentar o misterioso Dragão da Maldade. Nessa peleja, é dever dele salvar o povo da Terra Média. Apesar dessa profecia, Lu não acredita no perigo iminente e prefere "troslar" (fazer piadas com) sua irmã, a Princesa Encantada (Gi Alparone). Faz troça de todo mundo que trabalha no palácio, como o assustador Conde Drake (Cassio Scapin), a aia Lena (Beatriz Couto) e os guardas reais (Tadeu Mello e Pedro Truszeko).

Mas depois que o Rei é abatido num (suposto) acidente, Lu é forçado a amadurecer e se tornar uma espécie de Conan (bárbaro famoso nas HQs e nas telas). O Mestre dos Mestres vai ajuda-lo nisso, assim como a Feiticeira. Nesse aprendizado, o belo trabalho dos roteiristas nos dá momentos hilários, como a viagem no tempo para um ensaio da Beija-Flor de Nilópolis.

## CRÍTICA / FILME / VIDAS PASSADAS

# Estética do desencanto

Indicado aos Oscars de Melhor Filme e Melhor Roteiro Original, "Vidas Passadas" tem limpado trilhos nas premiações por onde passa, desde sua primeira exibição, no Festival de Sundance do ano passado, numa proposta ultrarromântica (mas, ao mesmo tempo, desencantada) de reflexão sobre responsabilidades afetivas. Estreia da dramaturga Celine Song na direção de longas-metragens, essa coprodução EUA x Coreia do Sul junta mel e fel em medidas nem sempre proporcio-

nais ao fazer uma triagem dos desencantos da vida.

Embora não seja tão palavroso quanto a estética de Richard Linklater, "Past Lives" (seu título original) tem em si um gostinho de "Antes do Amanhecer" (1995), suspirante cult do artesão indie americano. Celine aposta numa abordagem tão lírica quanto a love story com Julie Delpy e Ethan Hawke, quase tão lírico quanto esse sucesso dos anos 1990. Autora do êxito teatral "Endlings", Celine aposta numa



O abrigo de um abraço em 'Vidas Passadas'

narrativa caramelizada, repleta de elementos biográficos. Em cena, dois amigos de infância chegados à brincadeira de pera, maçã e salada mista na Ásia, quando crianças, Nora (Greta Lee) e Hae Sung (Teo Yoo), têm um reencontro

em Nova York, que vai mexer com o coração de ambos. O problema é ela estar casada, e com um americano (papel do habitualmente insosso John Magaro). Sentimentos antigos despertam entre esses antigos camaradas,

Divulgação

mas sob grilhões morais dos limites impostos pelo casamento e por tradições sul-coreanas. Algo se engasga entre os dois, num pacto de silêncio, de cumplicidade.

É esse engasgo que faz o filme brilhar, a partir de diálogos arrebatadores, abrindo precedentes para uma investigação existencial sobre o benquerer. Eles mudaram irremediavelmente desde que se conheceram, em seu país natal, e não há nada a fazer para disfarçar o fato de que já não são os mesmos. Também não há como disfarçar a atração que sentem. Resta saber o quanto eles se sentem completos com o que se tornaram. E o quanto estão dispostos a mudar. Greta e Yoo traduzem essa confusão sentimental com perfeição. (R.F.)

# Uma expressão de resistênciã feminina

A artista plástica Carla Carvalhosa apresenta a exposição 'Ser Mulher: um Percurso de Papéis' no Espaço Cultural Correios Niterói

**A** artista plástica Carla Carvalhosa apresenta a partir deste sábado (27), no Espaço Cultural Correios Niterói, a exposição "Ser Mulher: um Percurso de Papéis", trazendo pinturas e esculturas em papietagem, distribuídas em quatro galerias, representando os diversos papéis desempenhados pelas mulheres e sua importância em promover um sentimento de pertencimento nas famílias e na sociedade em geral.

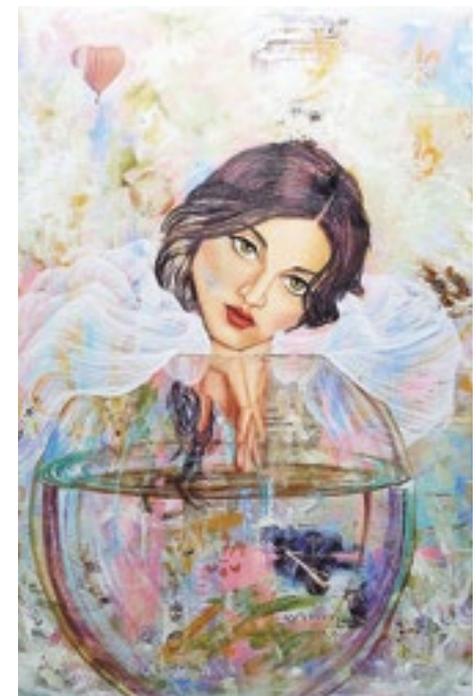
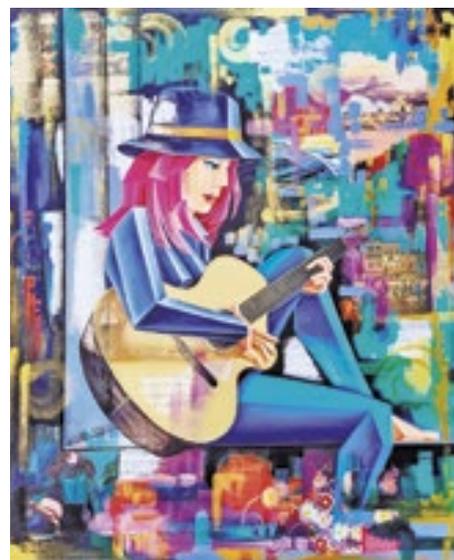
Com curadoria de Marcia Costa, a mostra provoca no espectador a reflexão sobre vários aspectos do universo feminino, fazendo uma conexão simbólica entre as Deusas representantes dos quatro elementos: fogo, terra, água e ar, com o intuito de mostrar a força interna da mulher que reverbera para seu exterior. Propõe contemplação e reflexão sobre sua vida desde a infância até a velhice, e incentiva uma reavaliação de valores, costumes, conhecimentos, práticas culturais, modos de vida e respeito por seus ritmos e ciclos femininos.

"A exposição é um convite à reflexão e à celebração da diversidade feminina. Carla Carvalhosa nos lembra, através de sua arte vibrante, que as mulheres são arquitetas de suas próprias identidades, capazes de transcender papéis e inspirar transformações profundas na sociedade", destaca a curadora.

A exposição inclui 21 obras sendo 12 esculturas em papietagem em tamanho real, essas instalações representam mulheres de diversas etnias. Além disso, são 11



*Carla Carvalhosa apresenta pinturas e esculturas em papietagem, representando os diversos papéis desempenhados pelas mulheres e sua importância em promover um sentimento de pertencimento nas famílias e na sociedade*



telas painéis que transitam entre vários estilos e técnicas. A síntese da exposição está representada pela Árvore da Vida com aproximadamente 2,50 metros de altura, este símbolo aparece em diferentes mitologias. Diz-se que quem come os frutos desta árvore, que cresceu no Paraíso, ganha a imortalidade. A árvore representa a Grande Mãe e contém profundos significados simbólicos. Além disso, um aspecto a ser destacado é seu compromisso com a sustentabilidade, pois parte da exposição foi criada usando materiais que, de outra forma, se tornariam resíduos - papéis rasgados e colados e reaproveitamento de materiais de embalagens como base para suas esculturas.

Carla Carvalhosa nasceu no Rio, e desde muito jovem, descobriu o desenho. Sua trajetória é marcada por várias premiações e participação em diversas exposições. Há 30 anos ministra cursos onde vem formando vários artistas e desenvolvendo trabalhos terapêuticos através da arte. Sua maior característica sem dúvida é a versatilidade, onde usufrui total liberdade em técnicas e estilos, sem com isso, perder sua identidade artística. Apropriou-se de diversos materiais de maneira espontânea e autodidata.

## SERVIÇO

SER MULHER: UM PERCURSO DE PAPÉIS

Espaço Cultural Correios Niterói (Av. Visconde do Rio Branco, 481 - Centro - Niterói)

De 27/1 a 9/3, de segunda a sexta (11h às 18h) e sábados (13h às 18h)

Entrada franca

# Não pouparam nem o Nelson

Não andam poupando ninguém, nem vivos nem mortos, pelo Rio de Janeiro. Desta feita, foi batata: levaram o busto do Anjo Pornográfico que encimava seu túmulo no cemitério São João Batista, em Botafogo, Zona Sul da Cidade Maravilhosa (será?). O pernambucano, dramaturgo, escritor, jornalista, teatrólogo, contista, ensaísta, romancista, cronista da realidade nua e crua e comentarista de futebol brasileiro, tricolor roxo (ufa!)..., com quem tive o privilégio de dividir a redação do Jornal dos Sports, ainda foca, e assistir acalorados debates entre ele e o Duarte Gralheiro – diretor de redação, na disputa eterna entre Fluminense e Vasco da Gama.

Nelson demonstrou, mesmo após a morte e de forma ocular, que a vida é como ela é. Não é um broto; é dura e crua. Uns acham que poderia ser bonitinha, mas, na verdade, ela é ordinária. De fato, é que, envolta em um véu de vestido de noiva, surrupiaram o busto, afanaram a estátua, gatunaram o pensador, bifaram a peça com mais de 45 quilos.

Uma história rodriguiana digna das páginas do Última Hora, com devaneios e sacarmos que pisoteiam a cara do carioca, com direito a ser reacionário, ter reação e ser contra tudo o que não presta.

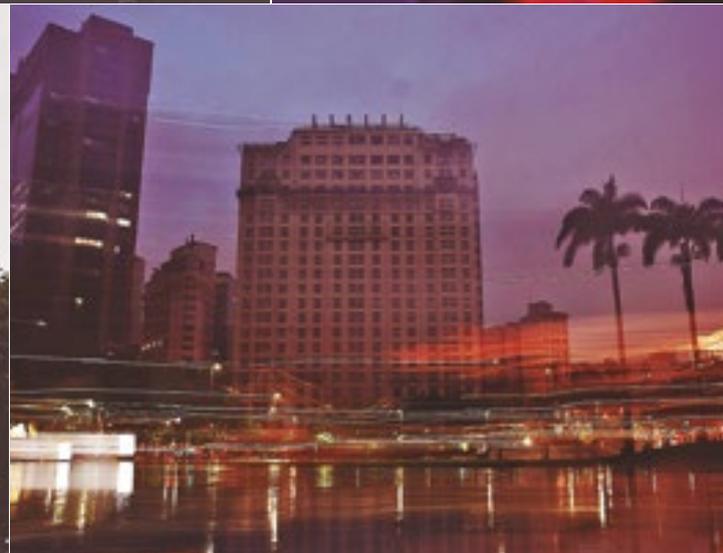
Batata! Meteram a mão no instrumento post mortem tão precioso — a Remington que tanto amava — do gênio. E agora Nelson? Como escreverás, corroborando com o Universo que: “A unanimidade é burra” em não proteger nosso patrimônio? Como dedilharás, nas teclas gastas pelo tempo e espaço, que o “Mundo será dominado pelos idiotas, não pela capacidade, mas pela quantidade: eles são muitos”? Como invejarás a burrice sendo ela eterna?

É óbvio ululante que sua máquina já virou líquido, afinal, com tu bem dissestes; “Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos” e “No Brasil, quem não é canalha na véspera é canalha no dia seguinte”

E, com essa boca, cheia de dentes, de ouro, escancarada esperando a ressurreição chegar e a máquina, por algum milagre sobrenatural retornar, porque tentam apagar a história, tentam apagar o passado, mas você Nelson, sempre será eterno, sempre será o melhor.

Você sempre “aprendeu a ser o máximo possível de você mesmo”, porque “as vaias são os aplausos dos desanimados.”

Perdoa-me por me traíres!



Rafael Mollica/Divulgação



Suibi

Divulgação

Jonatha Bongestab/Divulgação



Hatch

Divulgação



Yujo

Divulgação

## Pastelzinho chinês

Veja um roteiro de onde comer guioza nos restaurantes cariocas

Por Natasha Sobrinho (@restaurants\_to\_love) Especial para o Correio da Manhã

O pastel é chinês, mas muito comum encontrar no cardápio do restaurante japonês. Estamos falando da guioza, um tipo de pastelzinho clássico na culinária asiática, servido normalmente como entrada e feito com uma massa bem fina, à base de farinha e sal e recheado com carne bovina, suína ou legumes. Ele pode ser feito cozido no vapor ou frito em pouco óleo e normalmente acompanhado de um molho oriental para dar mais sabor. Confira abaixo diferentes versões encontradas nos restaurantes cariocas:

Landau/Divulgação



Kitchen

Divulgação



Cantón



Mitsubá

**Cantón Peruvian & Chinese Food** – No restaurante de culinária chifa do chef Marco Espinoza o comensal pode encontrar a Guioza Chifa (R\$ 49 - 5 unidades). Ela é recheada de porco e cogumelos, com molho agri-doce. Rua Rodolfo Dantas, 26 – Copacabana. Tel: (21) 3594-0002.

**Casa Ueda** - O chef Eric Ueda prepara a massa da guioza artesanalmente no local. Os pasteizinhos são selados na frigideira e cozidos no vapor. Entre os sabores estão o de porco e o de legumes (R\$ 45 - 6 unidades). Rua Hans Staden, 10 – Botafogo. Tel: (21) 96633-4907.

**Hatch** – No restaurante de Marcel Nagayama, a cozinha quente brilha em uma variedade de receitas tradicionais. Por lá, as gyozas são preparadas em formato de barcos, com massa cozida e ao mesmo tempo

crocante nas pontas, oferecidas nos sabores de porco e de cogumelos (R\$ 38), perfeita para comer com as mãos. Botafogo Praia Shopping – Praia de Botafogo, 400 - 5º piso. Tel: (21) 99127-3131.

**Kitchen Asian Food** - Localizado na Marina da Glória, o restaurante é um oásis para quem gosta de explorar a culinária asiática, com uma variedade de receitas tradicionais e bem

executadas. Para iniciar a experiência a sugestão são as Gyozas (R\$ 42), massa oriental cozida no vapor com recheio de frango picado acompanhada de molho ponzu. Marina da Glória - Av. Infante Dom Henrique, S/N – Glória. Tel: (21) 4042-6161.

**Mitsubá** – No restaurante japonês, no Leblon, a guioza é feita com maestria há vinte anos pelo Sr. Ademir Jordão. Ela leva lom-



Casa Ueda

bo suíno, repolho e nirá (R\$ 49 – 5 unidades). Av. Ataulfo de Paiva, 270 – Leblon. Tel: (21) 2264-1232.

**Suibi** - O novo empreendimento do chef nova-iorquino Sei Shiroma é uma homenagem ao sushi house que seus pais tiveram durante anos em Nova Iorque. O menu do Suibi também destina uma seção especial de dumplings, com opções como: a gyoza com porco, repolho, nirá, vinagrete washoku (R\$ 39) e uma versão “vegie”, a Gyoza frita de nirá, repolho, picles de moyashi e vinagrete washoku. Rua Dias Ferreira, 45 – Leblon.

**Yujo** – Novo recém-aberto japonês na Barra da Tijuca o comensal pode também encontrar as guiozas no cardápio com opção de recheio de lombo suíno ou camarão (R\$33). Rua Aléssio Venturi, s/nº - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3866-3125.

UM BOM JORNAL  
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA  
E NEM DE DIREITA  
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM  
DE INFORMAR  
A VERDADE  
E NÃO IMPOR  
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**  
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR  
E VONTADE DO ELEITOR .

## Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

[correiodamanha.com.br](http://correiodamanha.com.br) @correiodamanha